

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

Preço da assignatura

Aveiro: 100 números, 25000; 50, 15000; 25, 500 réis.—Fóra de Aveiro: 100 números, 23250; 50, 13125; 25, 570 réis.—Brazil: 100 números (moeda forte), 48500.—Pagamento adiantado.—Avulso, 20 réis.

PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS E DOMINGOS

Redacção, Administração e Typographia
Espírito Santo, 71

Preço das publicações

Annuncios, cada linha, 20 réis; repetições, 10 réis. Comunicados e réclames, cada linha, 30 réis. Annuncios permanentes, ajuste especial.—Os srs. assignantes tem o desconto de 50 p. c.

AVEIRO

A QUESTÃO DAS FARINHAS

E DOS

TRIGOS

O *Diario Popular*, ha dias, estranhou que houvesse algem em Mogadouro que podesse offerecer 300 moios de trigo para serem vendidos no mercado central dos productos agricolas. E vae d'ahi salta um correspondente do mesmo Mogadouro affirmando que não só ha quem possa offerecer 300 moios mas até 2.299.000 litros.

O *Diario Popular* confessa a sua admiração e pasmo perante tamanha fartura do Mogadouro!

E' caso para isso. E ainda ha más linguas que falam em contrabando!

O mesmo *Diario Popular*, onde escreve o sr. Marianno de Carvalho, que, além de muitos outros conhecimentos, tem-os especiaes sobre a questão de que se trata, escreve:

"A illustrada direcção da Associação Commercial apresentou ante-hontem ao sr. ministro das obras publicas uma representação em que pede diversas modificações no regimen vigente dos cereaes. Estamos de accordo em diversos pontos da representação, mas divergimos n'alguns d'elles. Entre estes avulta principalmente o que se refere á importação das farinhas estrangeiras, por entendermos que tal permissão importa um grave prejuizo á lavoura e á moagem. Importa um grave prejuizo e não vemos nenhuma vantagem compensadora para ninguem.

A industria de moagens estabelecida no paiz com enorme dispendio de capitães, dispoendo na sua quasi totalidade dos machinismos mais modernos, apresenta os seus productos no mercado com igual perfeição e com igual barateza ás que podem offerecer as farinhas estrangeiras que se importarem; o que explicaria pois uma permissão, que não trazendo nenhum beneficio para os padeiros nem para o consumidor, viria directamente prejudicar uma importante industria estabelecida, quando não ha ninguem que não reconheça e não confesse que é indispensavel proteger a industria nacional?

Toda a gente sabe que nas ultimas duas vezes que o governo importou farinhas estrangeiras e as mandou vender por intermedio de varias entidades, não só parte d'essas farinhas se avariaram, e parte estão ainda por pagar ao thessuro, mas no norte do paiz principalmente se levantaram logo justissimos clamores, porque o preço excessivo a que subiu a semente, tornou periclitante a industria da engorda do gado. Ninguem ignora o papel importantissimo que a semente representa n'esta engorda, e hoje principalmente, quando o tratado de commercio com a Hespanha permite a livre entrada de gado, que essa industria tem consideravelmente uma importancia economica que não é licito olvidar.

Nós bem sabemos que ha muito, junto de todos os governos, se tem insistido para consentir na importação das farinhas estrangeiras, porque esta importação tem enfiado soffrivelmente os intermediarios d'este disparate economico, que com mágua vemos advogado

pela esclarecida direcção da Associação Commercial, que decerto na mais louvavel das intenções e no proposito de proteger os interesses do commercio, não attendeu a que no seu pedido ia implicitamente sollicitar um grande prejuizo para duas industrias importantes e para a economia nacional.

Entendemos que o governo não pôde permitir a importação de farinhas estrangeiras, nem importal-as elle proprio, senão nos casos extremamente excepçionaes. Nem se comprehende que se peça a permissão de importar farinhas e se não peça de preferencia a importação do trigo, o que parecia mais racional. Os interesses do commercio ficariam igualmente protegidos, não se prejudicaria nem a lavoura nem a industria da moagem; e apenas isso poderia causar algum damno a algum industrial que ao mesmo tempo é moageiro e negociante de trigo, mas esse, é claro, como tem sempre lampada na casa de Méca, quer seja trigo quer seja farinha que se importe, fica sempre eufarinhado.

Os poderes publicos tem de attender a que n'este regimen excepcional, que tem ultimamente regulado as relações da industria da moagem com a agricultura e com o commercio, só quem tem lucrado tem sido a industria e o commercio illicitos, prevalecendo-se de meios fraudulentos e de influencias poderosas junto dos poderes publicos. O industrial honesto, o commerciante honrado, o lavrador probo, tem todos sido sacrificados ás arteirices de meia duzia, que tem impunemente sabido fazer triumphar os seus planos gananciosos.

A representação a que se refere o *Diario Popular* deve ser correlativa d'aquella a que nos temos referido n'este periodico.

Effectivamente, n'esta pedia a Associação Commercial que fosse permitida a importação de farinha aos compradores de trigo da terra, mas com o direito differencial de nove réis em kilo, isto é, que a farinha pagasse 21 réis quando o trigo pagasse 12. Segundo a Associação Commercial de Lisboa esse differencial de nove réis era protecção sufficiente á industria da moagem. O sr. Marianno de Carvalho, porém, que, além dos seus conhecimentos especiaes sobre o assumpto, pretende, ao que se vê pela transcrição do *Diario Popular*, que ahi fica, que tal protecção não é bastante. E sem nos sentirmos com os precisos conhecimentos da materia para nos pronunciarmos decididamente, parece-nos, todavia, que o sr. Marianno tem razão.

Quanto ao resto, diremos, como a Associação Commercial de Lisboa, que é pena que o sr. Marianno de Carvalho só ultimamente começasse a vêr o mal de que elle é um dos principaes culpados. Toda a gente aponta em Lisboa o moageiro que tem feito extraordinarias negociatas á sombra da fraqueza ou da cumplicidade dos governos. E a esse proposito diz a representação de que temos tratado:

"E' uma das mais perigosas facultades da lei de 1889, esta do exclusivo de importação de farinha por conta do estado. No publico correm graves boatos a respeito d'estes negocios menos regulares, e contra o que dispõe o regulamento

de contabilidade publica de 31 de agosto de 1881. Só uma rigorosa syndicanca poderia demonstrar se ha verdade no que se affirma:—ter o thessouro soffrido perda calculada em cerca de 400 contos de réis, nas diversas aquisições de farinha, que foram compradas no estrangeiro sob pretexto de prevençao contra qualquer greve dos moageiros.

Houve compras de farinha ardi-da, que foi inutilizada por não servir para o consumo publico. Fizeram-se vendas a 12 e 18 mezes de praso e por preços inferiores ao custo. Porque? Existem no tribunal de commercio processos relativos a compras d'esta farinha com fraude e prejuizo do estado? Qual a punição dos criminosos? Das vendas a largo praso feitas pelo thessouro, qual a cobrança realisada? Qual a duvidosa? Quanto em debito?,"

Uma grande pouca vergonha. E para isso arrebenta o paiz com contribuições.

E' preciso regular d'uma vez para sempre a questão do pão e correlativas. E' indispensavel, principalmente, permitir a toda a gente a compra de trigo nacional e, na devida proporção, o trigo estrangeiro. A prohibição que hoje existe é um attentado injustificavel, inadmissivel. E por isso acompanhemos e acompanharemos todos os protestos que n'esse sentido se fizerem.

O que é necessario é protestar alto e com energia, para que a justiça seja ouvida.

CARTA DE LISBOA

10 de Novembro.

(Esta carta foi-nos enviada para o numero de domingo. Mas, devido á excellencia dos nossos correios, não a recebemos a tempo de ser publicada.)

Continuam a ser de fóra, e de Hespanha, as noticias de sensação. Atraz de Melilla Santander, atraz de Santander Barcelona. Dir-se-hia que a Hespanha anda maldita. Se lá houvesse republica, estava tudo explicado. Não affirmavam alguns padres francezes, do alto do pulpito, que se a sardinha desaparecera das costas de Franca fóra por causa da republica? Mas havendo monarchia em Hespanha, não sei bem como explicar a maldição. Facto é que ella existe, e medonha, e terrivel!

O caso de Barcelona representa um crime infamissimo, para o qual não ha attenuantes. Eu não sou inimigo do anarchismo, como de nenhuma escola politica. Não tenho odio aos anarchistas, nem a nenhum partidario uma vez que elle seja sincero. Aos especuladores e aos hypocritas, a esses, sim, tenho-lhes tedio e má vontade. Mas ha que distinguir entre o anarchista doutrinario, ou mesmo revolucionario, e o anarchista assassino. Assassinos, todos os partidos politicos os tem tido. O assassino não é propriedade privada e exclusiva do anarchismo. Affirmar o contrario, ou fingir ignorar a historia para tornar mais odiosa aquella escola politica, é uma injustiça e uma villania. Mas nem por isso deixa de merecer severa condemnação e rigoroso castigo o attentado de Barcelona, como todos os attentados identicos, ou elles hajam vindo dos republicanos, onde o assassinio tem figurado algumas vezes, e, hoje

mesmo em Portugal, se não figura, não é por falta de vontade, haja vista as resoluções tomadas nas sociedades secretas contra o sr. Homem Christo, e apregoadas até, na furia do odio, na imprensa, não é por falta de vontade, digo, mas por falta de coragem; ou elles hajam vindo dos republicanos, ou hajam vindo dos clericos, onde o assassinio foi sempre a primeira arma de combate, ou dos absolutistas, que praticaram infamias e horrores de que a historia está cheia. Que differença ha entre os anarchistas e os outros? Os outros matavam com o puhal, com o veneno e com a força. Os anarchistas matam com dynamite. Nem mesmo ha differença na circumstancia de soffrerem os innocentes pelos peccadores. Quantas, quantas victimas innocentes não tem a reacção absolutista e catholica? Quantas mulheres, quantas creanças, quantos velhos, quantos individuos neutraes não foram sacrificados? Não sejamos, pois, hypocritas, que a hypocrisia é a coisa que mais me revolta n'este mundo. Não sejamos maus. Sejamos justos, se queremos que as nossas doutrinas tenham algum valor.

Eu não sou anarchista. Sou o contrario d'isso, porque, pelo meu temperamento, vou-me filiar, até certo ponto, no auctoritarismo. Assim, continuo firmemente convencido de que as fórmulas democraticas são as mais convenientes ao regimen das sociedades. Mas não estou menos convencido de que em Portugal, por exemplo, a boa democracia só pôde ser estabelecida a pau. Façam idéa de uma republica com a sã propaganda da *Batalha*, da *Vanguarda*, da *Voz Publica*, do *Protesto do Norte*, da *Justiça Portuguesa* e com o Santos Cardoso, o Heliodoro Salgado, o Terenas, o Cunha e Costa, o Casaquinha, o Gomes da Silva, etc, a mandarem. Façam idéa! Uma propaganda, que tem posto o seu fito principal em adular as paixões e os erros das massas, e uns dirigentes que, na quasi totalidade, constituem uma cambada de gatunos e de especuladores. Mas é má por isso a Republica? Não. Que fazer, então, para a conservar e salvar, se ella viesse? Metter na cadeia os luminares gatunos e oppôr a cavallaria da guarda municipal á propaganda dos pasquins que se tem dicto republicanos. E aqui está como, muito sensatamente e até logicamente, se pôde ser, em certos momentos, democrata puro e auctoritario á outrace.

Não sou anarchista. Os anarchistas consideram todas as outras escolas auctoritarias. E eu sou tão auctoritario dentro d'estas que, ainda ha um mez, um luminar republicano gritava aqui d'el-rei contra mim por eu ser partidario do processo que acabo de referir, isto é, o de metter a quadrilha dos nossos chefes republicanos na cadeia. Já se vê que sou insuspeito. E, por consequente, posso sem receio affirmar que o anarchismo constitue uma doutrina, muito racionalmente exposta e, ás vezes, muito notavelmente defendida. O que ha a distinguir é entre os anarchistas doutrinarios e entre os anarchistas d'acção. Estes, constituindo por enquanto um pequeno grupo, claro é que não podem appellar para uma revolução armada, no sentido lato d'este termo. A sua

arma é o terror. E como os partidos extremos estão sempre abertos aos doidos e aos maus, esse terror vae muitas vezes além do que os proprios chefes d'acção pretendem e cabe nos actos infames de Barcelona. Aquelles, os doutrinarios, contam homens de muito valor, escriptores de subido merito, como Kropotkine e Réclus, e, por consequente, o que elles escrevem, tendo o valor d'aquellas altas individualidades, não é nenhuma série de asneiras de que a gente se ria como se ri do que escreve o Carlos Calixto, o Eugenio da Silveira, ou o Terenas. Aqui mesmo em Portugal tem os anarchistas um periodico, *A Revolta*, que é muito mais bem escripto do que a maioria dos papeis republicanos, que, no geral, são uma vergonha, ou os encaremos pelo lado do senso commum, pelo lado dos principios ou pelo lado da grammatica. Não os tratem os republicos com desdem porque, ao menos sob o ponto de vista que ahi fica, tem alguma coisa que aprender com elles.

O que a nós nos parece absurdo é a base de que partem os anarchistas. Elles partem da bondade humana, nós partimos da maldade. Elles supõem os homens bons, nós supponho-os maus. Mas se a base d'elles é exacta, sua é a verdade e a razão. Ora eu é que não posso acreditar que os homens sejam bons enquanto conhecer os *casquinhas*, os *barbas de esau*, os *tretas* e os *theodoros*. Não pôde ser. Logo, no meu parecer, a doutrina anarchista é um impossivel. Porém, como os homens do regimen feudal diziam o mesmo do regimen em que nós hoje vivemos e este foi possivel, como ainda ha vinte annos se dizia em Portugal que a republica só era boa em teoria e agora já ninguem tem medo d'ella na pratica, como todas as realidades de hoje foram os impossiveis de hontem, como é provavel que os homens sejam maus, ou, pelo menos, *peores*, pela hereditariedade que o espirito da auctoridade e da escravidão n'elles creou, é muito possivel que seja eu que esteja enganado, ou todos os que pensam como eu, e, por isso, nenhuma repugnancia me causam os anarchistas no seu campo de doutrinas.

Quanto aos assassinos, o caso é outro. Anarchistas ou não anarchistas, assassinos acima de tudo. E para estes uns lembram a força, outros a guilhotina, e já apparece quem lembre para os de Barcelona *frigit-os em azeite*.

Como quizerem. Em os anarchistas fazendo os homens bons, eu desarmo. Mas enquanto elles forem o que são, o melhor é *desarmal-os a elles*. E então vamos eliminando os assassinos, que a therapeutica social não tem melhor remedio por enquanto.

— Um leitor do *Povo de Aveiro* escreve-me a perguntar se um neto d'um preto muito preto não pôde ser um branco muito branco. Olhe, eu nunca vi. Todos os que conheço são mulatos como o demo. Nem netos, nem bisnetos, nem tataranetos. Esta degenerescencia, que produziu a mediocridade da nossa terra, não pôde deixar de provir d'um cruzamento com a pretalhada, em tempos que lá vão. Ora olhe o meu amigo para o nosso Xavier

de Montepinhos e diga-me em consciencia se elle é bem branco. Ora se esse exemplar da triunphante mediocridade portugueza ainda não é bem branco ao fim de quatrocentos annos, como é que a neta da preta ha de ser o exemplar que o Montepinhos apresenta?

Topinard, na sua *Anthropologia*, diz que um mestiço de segundo sangue, que é o caso do *Coração Negro*, tem $\frac{3}{4}$ de branco e $\frac{1}{4}$ de preto. Pois reduza o meu amigo leitor isso a tintas, misture e veja se dá branco, com *olhos azues e cabelos loiros*. É verdade que o mesmo Topinard cita casos de filhos de preto e branco sahiram completamente brancos. O que não nos diz é se os que sahem brancos por fóra serão pretos por dentro e vice-versa. Neste caso, o Engenheiro da Silveira poz o negocio muito bem, porque, ou reviron a mulher do coração negro, ou apanhou uma das grandes excepções de Topinard.

O que é certo é que quem já viu uma esquadra ingleza a manobrar no Alviella está apto a ver tudo quanto haja de estrambotico no mundo.

Remetta o nosso leitor o caso ao *Diario Popular* que se anda occupando ha tempo na caça das bernardices do *Seculo*.

Só uma coisa nos parece espantosa: é que com tanta asneira o *Seculo* haja baixado extraordinariamente de tiragem. Em Portugal, por via de regra, *quanto mais burro mais peixe* (se não é bem assim que se diz, é pouco mais ou menos). Pois o *Seculo*, que nunca disse tanta asneira, só tira actualmente, exceptuando os domingos, 11 mil exemplares. Esta baixa espantosa traz horrorizado o agiota do Silva Graça.

É caso para isso.

— O meu presado amigo Teixeira Bastos continúa teimoso em pretender que Portugal auxilie a Hespanha na guerra de Marrocos.

«Se rebentar a guerra europea, diz, n'estes, ou n'outros termos, o meu presado amigo, Portugal não tem forças para manter a neutralidade. E, n'estes casos, o unico caminho é entrar na alliança da França, Russia e Hespanha.»

Na verdade, o melhor argumento para concluir que devemos ter forças para a guerra é demonstrar que não as temos para manter a neutralidade.

Parece-me que o *Diario Illustrado* tem razão quando chama ao illustre Teixeira Bastos o *conselheiro Acacio do jornalismo republicano!*

Meu caro amigo, quando não ha força para manter a neutralidade tambem a não ha para fazer a guerra. A Suissa, ou a Belgica, não mantem, nem mantiveram em 70 a sua neutralidade precisamente porque a Alemanha ou a França tivessem medo de qualquer d'ellas por si. Mas porque duzentos mil homens fazem peso para qualquer lado que se encostem. Por consequente, ou nós temos um exercito que faça peso, ou não temos. Se o temos, a nos-

sa neutralidade, salvo um caso de necessidade extrema, ha de ser respeitada, descance. Se o não temos, o melhor é fazermos como o proprietario que não tem força para fazer respeitar dos caçadores a sua propriedade. «Oh, senhores, cacem lá, mas, façam favor, não me pisem ao menos aquella cultura.»

Esta de nós estarmos precisamente arrebatando, sem dinheiro nem saber d'onde elle ha de vir e pedindo ao mesmo tempo a reorganisação da nossa esquadra e do nosso exercito de fórma a podermos metter o bedelho, ou seja lá para o que fór, na grave contenda que se avizinha, olhem que é de doidos sem mistura!

Nós, nós os pelintras do occidente, sem dez réis, com um ministro da fazenda arvorado já em Alcindo Guanabara, como diz com certa graça o *Diario Popular*, a pedirmos esquadras e a fazermos corrente de opiniao para entrarmos na guerra, é de se lhe tirar o chapéu!

Por um lado o *Seculo* a pedir guerra. Por outro lado o *Diario de Noticias* a censurar as nações que, em nome da civilisação, vão incommodar os barbaros de Marrocos.

Deixem viver os barbaros, coitadinhos!

Eu conheci um magico que não consentia que lhe arrancassem uma ortiga do quintal. Chegou a tempo das ortigas não lhe deixarem crescer as couves. Mas se as ortigas tambem tinham direito á vida? E conheci um philosopho que só consentia que lhe catassem as pulgas quando ellas eram muitas na cama. Mas prohibia expressamente que as matassem. A's vezes tirava-as elle mesmo dos cobertores e pisava-as delicadamente no sobrado do quarto.

Assim é o *Diario de Noticias*. Eu só queria que elle me dissesse, quando canta as glorias portuguezas, como foi que nós levamos a civilisação ao mundo, (linguagem do acrisolado patriotismo indigena) se foi respeitando os lares e a propriedade dos moiros.

Variante que tem o mundo. É ai de nós se elle as não tivera! Com certeza que nenhum paiz é tão fértil em coisas comicas como Portugal. Mas tirem isso e vejam lá o que fica!

Y.

Acabámos de saber que Heliodoro escreveu largo artigo a proposito da innocente referencia que fizemos aqui ao relatorio do policia. E vai d'ahi Heliodoro confirma o boato! E vai d'ahi Heliodoro diz que é certo contar-se a referida scena dos *quadros vivos* nas terras da Torrinha! E vai d'ahi Heliodoro diz que é o sr. Franco Castello Branco, que descompõe solennemente, quem conta a peripécia em toda a parte! Mas depois conclue que ali está a prova do sr. Homem Christo ser agente da policia!

O maldito, se o sr. Franco Castello Branco o conta em toda a parte, se é publico o negocio, como é que o sr. Christo precisava de ser agente da policia para o

em que é puramente subjectivo, pessoal a cada um de nós, fugitivo e vario; em que a percepção d'esse não sei que de maravilhoso corresponde a um momento inferior da producção artistica, desvanecendo-se forçosamente na hora da execucao, uma vez que é inexprimivel, mas renascendo, aliás, da fórma, fixada a mesma fórma; em que é a expressao reflectida e intelligente que nos suggere o que vai além, e em que, finalmente, são as obras d'arte ou os poemas os mais exactos, quando elles são verdadeiramente bellos, que se tornam no nosso pensamento os mais mysteriosos, os mais fortes em devaneios...

O publico considerava o principe Renaud como um maniaco. Mas, como elle era suave e não fazia mal a ninguem, acabaram por lhe perdoar as excentricidades. Chegaram

saber? Sempre um sarrafaçal, no fundo!

O sr. Christo referiu o caso simplesmente para provar:

1.º Que Heliodoro nada tinha que accusar os outros de referencias á sua vida particular desde que elle era o primeiro a ir fazer *quadros vivos* para a *via publica*. Se a *via* é publica, é publica. Acabou-se.

2.º Que não foi por nós que o Antonio Maria teve conhecimento das proesas do Heliodoro, mas pelo que ouviu nos circulos politicos de Lisboa.

Mas diz agora Heliodoro: «Ha tres annos que o *Povo de Aveiro* me attribue essas manhas.» Está visto, porque antes da policia ter apanhado Heliodoro nas terras da Torrinha, muita outra gente o tinha apanhado no Rocio. Essa é boa! Então Heliodoro julga que tinha o segredo guardado? Estava roto muito antes da policia apparecer.

Mas a prova de que é falso o facto referido pelo policia é que o mesmo policia, acrescenta Heliodoro, não me prendeu. Ainda se ao menos ninguem tivesse visto o caso ainda por esse lado, nada valeria o argumento, mas podia enganar á primeira vista. Porém, como a noticia que nós demos já apresentou a questao por esse lado, Heliodoro apparece unicamente cada vez mais sarrafaçal e mais freguez da *via publica*.

Se o policia não o prendeu foi porque foi tolo, Heliodoro. E era exactamente essa tolice que o ministro do reino lamentava.

Foi porque foi tolo, Heliodoro! E mais nada.

NOTICIARIO

Feira da Vista Alegre

Apezar do tempo, que devia afastar algumas offertas de porcos gordos, esta feira esteve muito concorrida d'aquelle gado, vendendo-se exemplares soberbos pela sua corpulencia e gordura.

Devia subir a muitos contos de réis o valor das transacções só em porcos cevados. A procura incidiu principalmente sobre aquelles de preço inferior a réis 22\$500 réis, retirando muitos que pelo seu valor avultado não encontravam facil venda.

Os preços, no geral, conservaram-se regulares, desmentindo as esperanças de que estariam baixos, como o tem sido nas ultimas feiras mensaes d'estes sitios.

Está a concurso o logar de secretario da administração do concelho de Estarreja.

O caminho de ferro do Valle do Vouga

Informam de Oliveira de Azeiteis que está concluido o reconhecimento dos terrenos que tem de atravessar o caminho de ferro do Valle do Vouga desde Espinho a Valle Maior. Em virtude d'esse reconhecimento, a estação do mesmo caminho de ferro não ficará em Porto de Carro, mas sim em logar distante d'esta villa ape-

mesmo a não se admirar de coisa alguma que partisse d'elle: conquistou o direito de ser extravagante. Fizesse o que fizesse não causava espanto e, apesar de ser principe de sangue, chegou-se a admitir que vivesse como melhor o entendesse.

Renaud supprimiu toda a especie de apparatus e de ceremonial. Nunca apparecia na córte. Applicava-se de boa fé a fazer esquecer a sua gerarchia, não tanto por desapego philosophico como por escrupulo e vaidade de artista. Porque tinha publicado brochuras e pintado quadros, coisas d'um esthetismo vago e d'uma sensualidade tenebrosa, o seu grande terror, agudo e perpetuo, era que elogiassem as obras pelo nome do auctor e não pelo seu merito. E esta idéa fazia-o redobrar, nas suas relações com os pintores e os litteratos, de

nas 300 metros aproximadamente e do lado occidental. Dentro de um mez devem estar concluidos todos os estudos sobre o caminho de ferro agora delineado e tão depressa se ache definitivamente constituida a Companhia, dar-se-ha começo immediato aos trabalhos de construcção.

Valiosa offerta

Um philantropo que guardou o anonymo, offertou á Misericordia de Penafiel a avultadissima quantia de 10:600\$000 réis, que já recebeu por intermedio de um terceiro.

Chalupa «Amisade»

Este barco, pertencente á praça de Aveiro, foi a pique em Villa Nova de Portimão, pelas 5 horas do ultimo sabbado.

A tripulação salvou-se, felizmente. Era composta de marinheiro d'esta cidade e lhavo.

Houve perda total do navio e carga.

A chalupa estava segura.

Um assassinato por 1 conto de réis. — A intrujice em açcão

Comunicam de Almeirim ao *Commercio do Porto*:

«Um individuo qualquer convidou Luiz José Callado para este, mediante a quantia de 1:000\$000, ir a Extremoz e assassinar o recebedor d'aquella localidade, o sr. Eduardo Affonso dos Santos. Ora o referido Luiz Callado só passados dois dias respondeu que aceitava o offerecimento e que se prestava a fazer aquelle serviço mediante a quantia estipulada. Nesta occasião recebeu o dinheiro preciso para a jornada e partiu em direcção a Extremoz, já devidamente orientado, tendo-lhe sido previamente fornecidos todos os signaes da victima.

No domingo, no comboyo da noite, partiu e, chegando a Extremoz ao meio dia, dirigiu-se logo a casa do recebedor, a quem em vez de assassinar, revelou tudo o que se havia passado, e qual o motivo da sua estada alli. O recebedor, ouvindo as declarações do individuo que tinha a seu cargo o assassinal-o, sahiu, chamando tres individuos para ouvir a romantica narraçao do facto tão extraordinario e original.

O Callado voltou para Almeirim, onde o individuo que o havia rogado para aquelle serviço lhe entregou 100\$000, ficando de entregar o resto apenas se verificasse a verdade do acontecido.

Para que o homem recebesse a quantia estipulada, o sr. Eduardo Affonso dos Santos fez expedir um telegramma de Extremoz, como se fosse o correspondente do «Seculo», n'aquella localidade, dizendo ter sido assassinado o recebedor, assegurando d'este modo a quantia justa por tal serviço. Antes, porém, que o Callado recebesse o dinheiro todo, foi publicado pelo «Seculo», outro telegramma do verdadeiro correspondente, em que não só desmentia o facto, mas dizia ser falso o primeiro telegramma, que elle não havia expedido.

um falso *laissez aller* e d'uma camaradagem artificial.

Por fim, a garotada abusou d'elle. Renaud percebeu, então, que a maior parte dos seus confrades o tinham explorado sem pudor e que zombavam, por demais, d'elle e das suas obras. E fechou-lhes a porta, subitamente.

Reconheceu, ao mesmo tempo, que ainda tinha sido ludibriado d'outra fórma. Desilludiu-se, ou fosse por canção ou por saciedade ou por reconhecer o charlatanismo d'aquelles que o cercavam, de todos esses jogos d'arte e de poesia enigmaticos; reconheceu-lhe a frivolidade e a mentira. Teve a revelação da simplicidade n'um dia em que, n'uma excursão á ilha de Chypre, julgou decente levar comsigo um exemplar da «Odysseá».

Chegou a julgar o proprio Homero maculado de artificio. A lit-

O administrador d'este concelho mandou intimar Luiz Callado para fazer as suas declarações.

Trabalho do mar

Na ultima semana foi razoavel a pesca, chegando a haver lanços importantes na Costa Nova e em S. Jacintho. Nesta ultima praia, arrebatou uma das redes, que trazia enorme quantidade de sardinha, que, a ser salva, calculava-se renderia para cima de dois contos de réis.

Os praticos dizem que a sardinha anda nas aguas do littoral, e esperam que, apesar de ser já tarde, os restos da safra venham attenuar a falta de pesca que tem havido este anno.

Uma exploração colossal

As folhas de Montevideu dão noticia de se ter realisado a compra de uma grande zona de terrenos no Paraguay, junto á raia do Estado brasileiro de Matto Grosso.

Trata-se nada menos do que de mil leguas quadradas de terras, uma superficie maior do que a de alguns Estados da Europa, com extensos herveas, mattas, minas, que permitirão uma colossal exploração.

Essa excepcionalmente enorme propriedade foi comprada pelo Banco Italo-Americano, de Nolasco Medici & C.ª, que já organisou uma commissão para os estudos necessarios de exploração.

O territorio está comprehendido entre os rios Igatim e afluentes do Alto Paraná e as serras de Amanbay e Maracajú.

A colheita dos vinhos em França

Segundo uma estatistica official, a colheita vinicola foi este anno de 48.800:000 hectolitros, isto é, mais 20 milhões do que no ultimo anno.

A folha official publicou um decreto regulando o modo como os herdeiros dos condemnados que fallecerem na Penitencia de Lisboa poderão receber os espolios dos fallecidos.

Ficou preceituado que, logo que falleça algum preso, o director da cadeia mandará fazer a descripção e avaliação dos objectos pertencentes ao fallecido, que, conjunctamente com o fundo de reserva, fica constituindo o espolio respectivo.

Se o valor total exceder á quantia de 200\$000 réis os herdeiros sómente poderão receber o espolio requerendo a entrega ao director da cadeia e habilitando-se judicialmente. Se o espolio não exceder aquella quantia é bastante instruir a petição com os attestados convenientes. O pedido deve ser feito no prazo de 2 annos para ser entregue pelo director da cadeia.

Urbino de Freitas

Foi apresentado ao sr. juiz do tribunal criminal do 1.º districto do Porto um requerimento do dr. Urbino de Freitas, dizendo que estando a expirar sua filha D. Emilia de Freitas, que conta 15 annos de

temperatura, no proprio periodo primitivo, appareceu-lhe como a mais louca das illusões: não era elle um inepto gastando a vida a polir vãos convencionalismos?

A reconquista da sua simplicidade traduziu-se por uma nova especie de apparente excentricidade. Descobriu que o primeiro dever do homem é exercitar o seu corpo para lhe augmentar a belleza. Resolveu entregar-se a todos os *sports* e, principalmente, aos jogos de circo. Visitou os clowns e os gymnastas e fez d'alguns seus amigos. Mas, como tinha os membros preguiçosos e lentos e como nem chegava a ser um *joueur* escapatorio, ia abandonar esse capricho como abandonára outros, quando encontrou, n'um circo de Marburgo, a pequena equilibrista Lollia Tosti.

(Continúa.)

FOLHETIM

— 40 —

OS REIS

Em 1900

X

Quando ao principe, coitado, era perfeitamente sincero e innocente. A sua credulidade nas fórmulas novas da poesia e da arte era feita de ignorancia, de nervosidade um pouco morbida e de impaciencia espontanea. As fórmulas antigas irritavam-n'o por demasiada precisão e porque lhe pareciam impróprias para exprimir tudo o que elle sentia de ignorado nas coisas. Exagerava este mysterio, sem roparar

idade, desejava vê-la, pedindo por isso que lhe fosse permitido sair da cadeia para ir a casa, tomando-se as medidas de segurança que se julgassem necessárias. Acompanhava este requerimento um atestado assignado pelo facultativo sr. dr. Severiano José da Silva, dizendo que a referida senhora soffria de tuberculose pulmonar, achando-se em perigo de vida. O requerimento foi apresentado ao sr. juiz pela esposa do dr. Urbino de Freitas, que era acompanhada dos outros seus filhos e dos advogados srs. drs. Alexandre Braga e Themudo Rangel.

O sr. juiz, depois de lêr o requerimento e de ouvir as solicitações que para o deferimento do mesmo lhe foram feitas, mandou-o com vista ao delegado sr. dr. Pestana da Silva, o qual declarou por escripto: «Nada se me offerece dizer sobre o requerimento supra, porquanto nenhuma ingerencia tenho no regulamento interno das cadeias, sobre a guarda a exigir para os presos.»

Seguidamente o sr. juiz, depois de consultar a lei e o regulamento das cadeias, que nada dispõem sobre o assumpto, mas unicamente para o caso de doença dos proprios presos, despachou o requerimento da seguinte fórma: «Indefido, visto a portaria do ministerio da justiça de 21 de janeiro de 1843, e porque a lei me não dá auctoridade para conceder o pedido.»

O fallecimento da filha do dr. Urbino, caso venha a occorrer nas vespas do dia do julgamento, pôde dar causa ao adiamento d'este, pois que a lei concede 8 dias de luto aos réus. n'este e n'outros casos identicos, por isso que lhes mantêm todos os direitos civis, até serem julgados.

Sob o pretexto de haver a guerra de Hespanha com Marrocos diminuido a entrada de gado no paiz, os marchantes de Lamego acabam de augmentar 40 réis ao preço do kilo de carneiro!

Advogado

MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

RUA DA VERA-CRUZ

AVEIRO

Armazem de vinagres, azeites e aguardentes

DE

JEREMIAS DOS SANTOS MARQUES

Azeite fino, de Castello Branco, a 2\$200 réis os 10 litros.

Vinagre branco e tinto, qualidade superior, a 1\$500 réis os 20 litros.

LARGO DO ESPIRITO SANTO

(Ao Chafariz)

Dr. Duarte Mendes Correia da Rocha

ADVOGADO

10, PRAÇA DO COMMERCIO, 10 AVEIRO

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco & Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

JOAQUIM FERREIRA MARTINS

(O GAFANHÃO)

Participa aos seus amigos e freguezes que já recebeu um lindo e variadissimo sortido de fazendas proprias da estação de inverno, para roupas de homem, que faz por preços muito commodos, garantindo o bom acabamento e promptidão.

No seu estabelecimento tambem se executa, por preços barattimos, o verdadeiro varino.

AVEIRO — Antiga Rua da Costeira — AVEIRO

A pesca na China

Calcula-se que n'este paiz, cuja população está avaliada em cerca de 400 milhões de habitantes, um decimo proximo vive exclusivamente da pesca.

Milhares de barcos percorrem sem cessar toda a extensão das costas do Celeste Imperio, pescando umas vezes em commum, outras em separado.

Não ha nenhuma especie de estratégia para attrahir o peixe que não seja empregado com exito na China; usam-se alli todas as qualidades de aparelhos, desde as rêas immensas, que occupam o espaço de muitas milhas, até a pequena rêde que se confia ás mãos de uma creança.

Pesca-se de noite, de dia, á luz da lua, ao clarão de archotes e na mais profunda escuridão; pescam em barcos de todas as dimensões.

Encontram-se pescadores pacientemente sentados no cimo dos rochedos que bordam o mar, vêem-se no meio das ondas batidas pela tempestade, e que ha muitos mezes não vêem as suas casas.

Finalmente, para pescar usam-se os mais diversos meios, linhas, baldes, cestos, rêas grandes e pequenas, físgas, arpeões, n'uma palavra, todos os expedientes imaginaveis.

Não ha lago, charco, vala que não esteja cheia de peixe.

Uma porção d'agua na China é quasi tão apreciada como uma boa geira de terreno.

Desde o amanhecer, as cidades do imperio enchem-se de vendedores de peixe fresco, conduzindo-o em baldes cheios de agua e tendo o cuidado de inutilisar aquelle que não poderam vender no mesmo dia.

Relíquias de Napoleão I

Realisou-se recentemente em Porto Ferrajo, na ilha de Elba, o leilão dos moveis da villa onde Napoleão I habitou, durante a sua curta residencia n'aquella ilha.

Das recordações d'aquelle tempo, resta hoje apenas um soberbo platano, plantado junto á porta da casa pela mão do vencido de Waterloo.

Escrevem do Fundão:

A colheita do vinho n'esta localidade foi, muito ao contrario do que fundamentadamente se esperava, bastante, egualando quasi a do anno passado.

Não quer isto dizer que todos os proprietarios participassem d'essa egualdade, pois muitos houve que quasi nenhum vinho fizeram. Para isso contribuiu, além do desenvolvimento da área phylloxerada, a exposição de certas vinhas mais favoravel á propagação do *mildiu* e por outro lado á incuria inexplicavel dos proprietarios, por nenhuns esforços tentarem para attenuar o mal. Foi uma felicidade a invasão do *mildiu* dar-se n'um periodo já bastante adelantado, quando o cacho apresentava certo desenvolvimento; se assim não fôra, em face do desleixo de quasi todos, a escassez seria completa.

Um ou dois viticultores, que ainda empregaram a tempo o enxofre composto, colheram bom resultado.

Do vinho velho, as fracas disponibilidades que ainda se encontram, vendem-se a 2\$000 réis cada 24 litros.

As fructas, que constituem uma das bellezas e riqueza d'esta região, foram escassas e de má qua-

lidade. A castanha abunda ainda; mas como o fructo não se desenvolveu ultimamente, em consequencia dos calores excessivos de setembro e outubro, o lucro não será grande. Azeitona é que haverá mais alguma do que se esperava; e como ha ainda um grande saldo de azeite, o preço d'este genero, creio que não se elevará além de 2\$100 ou 2\$250 cada 12 litros.

Desordem n'um templo

No domingo houve festa ao S. Martinho n'um templo proximo á egreja da Misericordia; era uma solemnidade intima, cujas despesas corriam á conta de um grupo de devotos entusiastas e fanaticos pelas glorias do santo.

Ora, se não fosse a desharmonia que estalou entre os confrades á elevação do pichel, da festa intima nada transpiraria cá fóra; mas foi um escandalo que veio para o dominio publico, alvoroçando a visinhança do templo e a guarda da cadeia, que, se não nos enganamos, chegou a gritar ás armas.

Os mordomos, fugindo em tropel, vieram para a rua, esmurrandose ás cegas, e blasphemando, os impios, para abafar as exhortações orthodoxas dos mais fieis. Assim, n'uma desordem bacchica, os cabellos eriçados, uns, de olhar amortecido e acarneirado outros, e de chapéo amolgado, seguro na nuca por um milagre de equilibrio, todos vieram sabindo da lóbrega bairuca, até ao meio da rua, onde a luz dos candieiros alumiou o quadro e denunciou os personagens do incidente grotesco que fez rir á farta os espectadores.

Os mordomos, desatinados, perdidos, nem procuravam esconder-se da curiosidade do publico, sendo apontados todos a dedo como de praça assente na grande legião do S. Martinho.

A noticia do successo espalhou-se rapidamente na cidade. Todos queriam saber quem tinham sido os scismaticos que levaram ao templo a desordem e a collisão. Não sabemos se a policia tomou conta do successo; mas, se o fez, os mais versados canonistas da egreja impugnam a sua interferencia no assumpto, porque, entre outros motivos, avulta o conhecido principio de jurisprudencia—de que ninguem pôde ser juiz em causa propria.

O caso, que tambem nos fez rir pelos incidentes comicos que se desenvolveram, provocou já consequencias desagradaveis.

Na lua de mel.—Uma terrivel explosão

Conta o *Daily-News* que um mancebo chamado Carlos Poulton foi com a esposa passar a lua de mel á povoação de Loothay. Poucos dias depois da sua chegada, na occasião em que os noivos, com um irmão do esposo, se achavam conversando n'uma sala, deu-se uma terrivel explosão que destruiu quasi toda a casa.

A noiva ficou despedaçada; o noivo foi arremessado a enorme distancia e perdeu os braços. Levado ao hospital tiveram de lhe amputar as pernas, mas vive ainda. O irmão ficou gravissimamente ferido.

Conta que no dia anterior tinha guardado no fogão da cozinha uma porção de gelatina explosiva, da que se usa nas minas, e de que inteiramente se esqueceu. D'aqui a medonha explosão.

Um exercito de soldados de ferro

Um inglez residente em Madrid propoz ao governo hespanhol, seguindo se lê n'um jornal, enviar para Africa, mediante 5 milhões de pesetas, um exercito de homens de ferro, com os quaes o inventor guarneceria as fortalezas de Melilla. Esses soldados, é claro, não sentiriam fadiga; construidos de ferro fundido seriam tambem inacessiveis ao medo...

Um mecanismo engenhoso que elles teriam no peito permittir-lhes-ia apontar a espingarda é queimar n'um unico minuto quarenta dos cartuchos de que estaria cheio todo o corpo. Não conheceriam a indisciplina. O commandante regularia o fogo por meio d'um apparelho electrico ao qual estariam ligados com fios estendidos no solo.

Convenientemente preparado o engenho de relojoaria posto no logar do coração, o soldado de ferro achar-se-hia em estado de combater ininterruptamente até ao esgotamento das provisões na quantidade de 500 cartuchos ou que até fosse detido por um movimento de manipulador electrico.

O soldado de ferro terminaria em ponta, na base, e d'este modo poderia ser solidamente fixado no solo. O busto do manequim seria movel, girando sobre o seu eixo em todas as direcções, segundo o movimento determinado por meio do apparelho alludido. Terminados os cartuchos, os soldados ainda poderiam ter utilidade de guerra. Se tentassem apoderar-se d'elles, a cabeça dos manequins, cheia de dynamite, estouraria, fazendo novas victimas. Graças a este singular modo de terminar a sua carreira militar, os taes soldados offereriam ainda a vantagem de não precisarem de receber pensões nem de ser condecorados...

O inventor espera a resposta do governo hespanhol para construir o exercito de ferro.

DIVERSAS

O inverno parece ter, emfim, aberto as suas hostilidades, mostrando-se-nos carrancudo, ha uns poucos de dias.

Ha tres dias, n'esta cidade, uma infrene hecatombe... de suínos, mesmo nas barbas da policia.

Acha-se em Aveiro o sr. dr. Julio Pereira de Carvalho, delegado do procurador régio, junto da Relação dos Açores.

Acham-se já comprados alguns pomares de laranja, para as casas exportadoras d'esta cidade.

Attribulações d'um herdeiro

Acaba de dar-se em Italia um facto extraordinario e que ha de dar agua pela barba aos jurisconsultos do paiz.

José Shannann, já ha annos foi condemnado a prisão perpetua, por ter commettido um triplice assassinato, seguido de roubo. Como a pena de morte havia sido abolida mezes antes do seu julgamento, não poude merecer a recompensa que devia caber á sua indigna acção.

O malfetor está encerrado na prisão de Ferrara. Ha dias, rebentou como uma bomba n'esta cidade, a noticia de que um seu parente fallecido na Russia lhe deixára, pela accessão natural, uma fortuna superior a 400 contos de réis.

Como a morte civil, ou antes a interdicção de todos os direitos aos condemnados a penas maiores, está ainda em vigor, não podem portanto herdar nem testar todos os que estiverem nas circumstancias d'este novo Tantalos.

Eis um caso que pôde dar assumpto para um esplendido romance.

O sr. visconde de Seabra, que conta 95 annos de idade, e que está quasi cego, acaba de concluir a traducção dos versos que Ovidio escreveu, quando no exilio de Ponto Euxino. Mais de 1.000.



ANNUNCIOS. Na administração do POVO DE AVEIRO contratam-se annuncios, aos mezes e ao anno, por preços muito baratos.

R. do Espirito Santo Aveiro.

"O Povo de Aveiro,"

Este jornal acha-se á venda em Lisboa na Tabacaria Monaco, P. de D. Pedro, 21.

Agradecimento

Os abaixo assignados veem por este meio, já que o não podem fazer pessoalmente, agradecer penhoradissimos a todas as pessoas que se dignaram expressar o seu sentimento pelo fallecimento de seu hom irmão, não deixando comtudo de especialisar a phylarmonica Amizade, que dignamente se prestou a acompanhar o seu antigo companheiro até á ultima morada.

Aveiro, 9 de novembro de 1893.

Maria Peixinha
José Gonçalves da Peixinha
Manuel Gonçalves da Peixinha.

A'S TYPOGRAPHIAS

Colla para rolos

Melão

Potassa para lavar os tipos

Papel para jornaes de todos os formatos

Dirigir pedidos a ARTHUR PAES—Aveiro.

ANNUNCIOS

ANTONIO XAVIER PEREIRA COUTINHO

ELEMENTOS DE BOTANICA

(Primeira e segunda parte do curso dos lyceus)

ILLUSTRADO COM 236 GRAVURAS

Acha-se já á venda este livro, muito util a todos os estudantes que frequentam o curso de botanica nos lyceus.

Preço brochado, 1\$000 réis.

Guillard, Aillaud & C.^a

R. Aurea, 242, Lisboa

PARA 1894

ALMANACH DAS FAMILIAS

Util e necessario a todas as boas donas de casa

Contendo uma grande variedade de artigos relativos á hygiene das creanças e uma variada colleção de receitas e segredos familiares de grande utilidade no uso domestico

SUMMARIO

As mães de familia:—Conselhos elementares ás mães e amas de leite. Alimentação mixta dos recém-nascidos. Utilidade dos banhos d'agua salgada nas creanças nervosas. Pesagem regular das creanças. Hygiene dos olhos nas creanças. Lavagens e banhos na primeira infancia. Da escolha d'um collegio.

Gastronomia:—A maneira de preparar uma grande variedade de artigos de cozinha; doces, vinhos e licores.

Receitas:—Uma grande colleção em todos os generos, util e indispensavel a todo o momento a uma boa dona de casa.

Segredos do toucador:—Diversas receitas hygienicas, concernentes á maneira de conservar a saude e belleza da mulher.

Medicina familiar:—Rapida resenha de algumas receitas mais indispensaveis e que se podem applicar sem o auxilio de medico e de grande utilidade em geral.

1 vol. com 112 paginas, 100 réis. Pelo correio, 110 réis.

Pedidos ás principaes livrarias de Lisboa, ou á empresa editora O Recreio, rua do Marechal Saldanha, 59 e 61.

FABRICA DE MOAGEM A VAPOR

DE
MANUEL CHRISTO

N'este estabelecimento vende-se
farinha de milho, a toda a hora do
dia.

Compra-se milho.

ARROZ: Compra-se arroz
com casca e vende-

se a retalho, já descascado.

Em vendas por junto, faz-se abatimento.

RUA DOS TAVARES
AVEIRO

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

POR

Abilio David e Fernando Mendes

Professores d'ensino livre e auctores do

CURSO DE GRAMMATICA PORTUGUEZA

Compendio para as escolas, em conformidade com os program-
mas d'ensino elementar e d'admissão aos lyceus

Preço, [cartonado], 160 réis.

A' venda na administração d'este jornal.

HISTORIA DE UM CRIME CELEBRE

O caso do convento das Trinas

EM AVEIRO só se vende no estabelecimento de Arthur Paes,
na rua do Espirito Santo.

PREÇO 300 RÉIS

Pelo correio, franco de porte.

ACCACIO ROSA

A NOSSA INDEPENDENCIA

E O FEBRILISMO

OBRA illustrada com o retrato do
auctor e prefaciada por Antonio
de Serpa Pimentel, ministro de estado
honorario, par do reino, conselheiro de
estado, gran-cruz da Torre e Espada,
etc.; e precedida de cartas ineditas, ex-
pressamente dirigidas ao auctor, pelos
reconhecidos pensadores Conde de Casal
Ribeiro, G. Azcarate, Oliveira Martins,
Raphael M. de Labra, Alyes Mendes,
Fernando Anton e Thomaz Ribeiro.
Preço 600 réis.

Vende-se nas livrarias das principaes
terras do reino e remette-se pelo cor-
reio a quem mandar a respectiva im-
portancia a Accacio Rosa, Verdemilho,
Aveiro, ou á livraria editora de Francis-
co Silva, rua do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

MANUAL

DO

CARPINTEIRO E MARCENEIRO

Este manual que não só trata de
Moveis e Edificios, é um tratado
completo das artes de Carpinteria
e Marcenaria adornado com 211
estampas intercaladas no texto, que
representam figuras geometricas,
molduras, ferramentas, samblagens,
portas, sobrados, tectos, moveis de
sala, etc., etc. Tudo conforme os
ultimos aperfeiçoamentos que tem
feito estas artes.

A obra está completa.

Todas as requisições devem ser
feitas aos editores

Guillard, Aillaud & C^a

Rua Aurea, 242, 1.º — LISBOA

Cosinheiro Familiar

**Tratado completo de copa
e cosinha**

POR A. TAVEIRA PINTO

Valiosa colleção de receitas para fa-
zer almocos, lanchs, jantares, meren-
das, ceias, molhos, pudins, bôlos, dô-
ces, fructas de calda, etc., com um des-
envolvido formulario para licôres, vi-
nhos finos e artificiaes, refrescos e vi-
nagre. Ensina a conhecer a pureza de
muitos generos, a concertar louças, a
evitar o bolor e maus cheiros, a limpar
os objectos de zinco e de esmalte, a
afugentar as formigas e contém muitos
segredos de importancia para as donas
de casa, creadas e cosinheiros.

Neste genero, é o livro melhor e
mais barato que se tem publicado.

Preço 200 réis.

Está á venda nos kiosques e livrarias
do reino, ilhas e Africa.

Os pedidos, acompanhados da res-
pectiva importancia em cedulas, devem
ser dirigidos ao editor—F. Silva, rua
do Telhal, 8 a 12, Lisboa.

DICCIONARIO CHOROGRAPHICO

DE

PORTUGAL

(Parte Continental e Insular)

Designando a população por districtos, concelhos e freguezias; su-
perficie por districtos e concelhos; todas as cidades, villas e ou-
tras povoações, ainda as mais insignificantes; a divisão judicial,
administrativa, ecclesiastica e militar; as distancias das freguezias
às sedes dos concelhos; e comprehendendo a indicação das esta-
ções do caminho de ferro, do serviço postal, telegraphico, tele-
phonico, de emissão de vales do correio, de encomendas pos-
taes; repartições com que as differentes estações permutom ma-
las, etc., etc.

POR

F. A. DE MATTOS

(Empregado no Ministerio da Fazenda)

UM volume com mais de 800 paginas, 1\$600 réis. A'
venda nas principaes livrarias, e na administração
da empresa editora «O Recreio», rua do Marechal Saldan-
ha, 59 e 61—Lisboa.

EDITORES — BELEM & C.^a — LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

Ultima producção de

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, A Avó,*
A Filha Maldita e a Esposa

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

Está em publicação este admiravel trabalho de Emile Richebourg,
cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis,
mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes.

BRINDE A TODOS OS ASSICNANTES

Uma estampa em chromo, de grande formato, representando
a vista da Praça de D. Pedro, em Lisboa

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de
8 paginas, 10 réis. Sahe em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao
preço de 50 réis, pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é á custa
da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da
antecedente.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do
Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

Em AVEIRO assigna-se em casa de Arthur Paes —
Rua do Espirito Santo.

O REMECHIDO

*Biographia do celebre guerrilheiro do Algarve, um dos mais valentes
paladinos do partido miguelista*

Memorias authenticas da sua vida, com a descripção das luctas
partidarias de 1833 a 1838, no Algarve, e o seu interrogatorio, na
integra, no conselho de guerra que o sentenciou, em Faro.

Illustrada com o retrato do biographado.

Custa 120 réis, e pelo correio 140 réis; e só se vende, em Avei-
ro, no estabelecimento de Arthur Paes.

JOAQUIM JOSE DE PINHO

ALFAYATE E MERCADOR

AVEIRO E ARCOS DE ANADIA

GRANDE deposito de fazendas nacionaes e estrangeiras. Tem sempre gran-
de sortido em todas as estações, tanto para obra de medida como para venda a
retalho. Chales pretos e de côr. Guarda-chuvas de seda e merino. Miudezas pro-
prias d'esta qualidade de estabelecimentos. Grande sortido de chapéos de feltro
para homem, das principaes casas do Porto; recebe encomendas dos mesmos.
Gravatas para homem. Grande sortimento de fato feito, sendo o seu maior mo-
vimento em medida.

Em Aveiro ha grande variedade de papel para forrar salas e de outros ar-
tigos.

Todos os freguezes são bem servidos, pois todas as fazendas são devida-
mente molhadas, e só receberão as suas encomendas quando estejam á sua
vontade. Toda a obra feita sem medida é molhada e os seus preços muito resu-
midos, para assim poder obter grande numero de freguezes.

ESPECIALIDADE EM GABÕES

Todos os pedidos podem ser dirigidos tanto para Arcos de
Anadia como para Aveiro.

Administrador e responsavel—José Pereira Campos Junior

DICCIONARIO

DE

MEDICINA POPULAR

DO

D^r CHERNOVIZ

2 Volumes em-8º de 1200 paginas

Ornados de 913 figuras

GUILLARD, AILLAUD & C^{IA}

242, Rua Aurea 1º — LISBOA